

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS. ADOLF SCHULTEN -AVIENO ORA MARÍTIMA.

CARDOSO, Mário

Ano: 1956 | Número: 66

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Notícias Bibliográficas. Adolf Schulten -Avieno Ora Marítima. *Revista de Guimarães*, 66 (3-4) Jul.-Dez. 1956, p. 539-542

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

quais qualquer português medianamente culto pode notar certas faltas. Assim, por exemplo, o Autor, referindo-se à moderna bibliografia portuguesa, cita Fortunato de Almeida como geógrafo, (p. 149) quando ele foi notável principalmente como historiador e não alude a nenhum dos nossos actuais professores de Geografia, como Amorim Girão, Orlando Ribeiro e outros. Referindo-se a escavações arqueológicas realizadas no nosso País, lembra apenas as de Martins Sarmiento em Briteiros e as de Estácio da Veiga no Algarve, dizendo que, depois destes investigadores, não mais se praticaram em Portugal escavações de vulto, considerando o nosso País, neste particular, em posição inferior à da Espanha (p. 120). Mostra com isto o ilustre hispanista que já não está ao par do movimento actual dos trabalhos de investigação arqueológica realizados no nosso País, nem da abundante bibliografia portuguesa sobre o assunto, sendo-lhe apenas familiar *O Archeologo Português* (p. 120), as *Religiões da Lusitânia*, de Leite de Vasconcelos, e os *Povos primitivos da Lusitânia*, de Mendes Corrêa, únicas obras portuguesas que cita (p. 147).

No final do volume fazem falta índices sistemáticos de assuntos, toponímico, de autores, etc. Estas deficiências, e outras semelhantes, não diminuem contudo o alto mérito desta obra do famoso iberólogo, que podemos considerar, como todas as saídas da sua vasta erudição, modelar nas suas linhas gerais.

Uma versão portuguesa ou castelhana deste livro seria do maior interesse para a sua expansão em Portugal, porque não abundam, infelizmente, neste país, as pessoas que dominem com facilidade o idioma alemão.

ADOLF SCHULTEN, *Avieno Ora Marítima*. Fasc. I da série «*Fontes Hispaniae Antiquae*». 2.^a edição. Barcelona, 1955. 201 págs. 15×22,5 cm. Um mapa.

Há 34 anos foi publicado em Barcelona, sob os auspícios da Universidade daquele grande centro cultural espanhol, e editado pelos Professores Adolf

Schulten e Pedro Bosch-Gimpera, o 1.º tomo da notabilíssima série designada «Fontes Hispaniae Antiquae» (da qual já saíram até hoje os volumes I a VI e o IX, editados por Schulten, e também por L. Pericot, a partir do tomo IV, 1937), constituído por uma edição crítica do célebre poema de Avieno, *Ora Marítima*.

Tratando-se de uma obra quase que exclusivamente destinada a eruditos, o prólogo, comentário e notas que acompanham o poema latino foram, nessa 1.ª edição, escritos também na linguagem do Lácio.

Acaba de vir a lume uma nova edição desta obra (que podemos considerar, com o livro III da *Geografia* de Estrabão, uma das fontes mais importantes para o conhecimento da antiga Hispania), mas agora já comentada em língua espanhola, conservando apenas o latim nas notas adstritas ao texto do poema. Contém além disso esta 2.ª edição uma versão castelhana do poema, feita pelo Presbítero Dr. José Rius y Serra. Houve, por conseguinte, o intuito de tornar mais acessível a nova edição, especialmente àqueles estudiosos cuja cultura clássica não lhes tenha concedido todavia a categoria de latinistas consagrados.

Não se trata portanto de uma edição inteiramente recalçada na anterior, tanto mais que no transcurso de mais de três decénios entre as duas, novos conhecimentos se adquiriram acerca da interpretação do famoso poema de Avieno. O próprio Prof. Schulten o confirma, no prefácio desta 2.ª edição, dizendo que, neste lapso de tempo, «muito aprendera e muito tem sido corrigido e acrescentado». De facto, verifica-se que enquanto a 1.ª edição apresentava 138 páginas, a 2.ª, composta aliás no mesmo tipo de letra e dimensões de mancha de impressão, consta de 201 págs.

Mas as linhas mestras do trabalho de Schulten mantem-se as mesmas no novo tomo. Apenas, na citação das mais antigas fontes escritas que interessam à história da Península Ibérica, anteriores ao ano 500 a. C., o comentarista acrescenta, na 2.ª edição, novos testemunhos. Assim alude agora a um texto de Heródoto (cerca de 600 a. C.), a um fragmento

de Cíprias (séc. viii a. C.), a um passo da «Heraclêa» de Pisandro de Camiro (séc. vi a. C.) e, finalmente, a duas referências a trechos de Panfásis de Halicarnasso (cerca de 490 a. C.) extraídas de Macróbio e de Ate-neu, citações estas que não constavam da 1.^a edição.

No capítulo em que se refere às diversas edições críticas do poema e no qual faz a apreciação dos respectivos comentaristas, alude agora, também ao falecido A. Berthelot, que em 1934 publicou a sua edição anotada da *Ora Marítima*, posterior portanto à 1.^a edição de Schulten. Tal como para quase todos os A.A. que se ocuparam da interpretação do poema, entre os quais se conta Martins Sarmiento, Schulten tem igualmente para com Berthelot palavras de certa aspereza, alegando que este não era um filólogo, mas um simples engenheiro, e que por isso carecia de competência para interpretar Avieno. É certo que, por sua vez, também Berthelot não havia poupado o sábio germânico na sua introdução à análise do poema, dizendo que Schulten adoptara o «romance» de Müllenhoff (p. 15-17).

De Martins Sarmiento, apesar de o considerar, sem favor e como é justo, um «investigador sumamente meritório das antiguidades lusitanas», diz Schulten, referindo-se ao ensaio do sábio português sobre a *Ora Marítima* que «nem no problema das fontes, nem na interpretação dos pormenores ele soubera compreender os problemas».

É verdade que Schulten não se mostra menos severo na apreciação de muitos dos trabalhos dos seu próprios compatriotas, embora reconhecendo neles qualidades apreciáveis, como quando se refere a Wernsdorff, Uckert, W. Christ, Unger, F. Marx, Holder e outros, quase que só poupando Müllenhoff.

De si próprio diz o erudito hispanista que havia dedicado quase três anos à interpretação de Avieno, dispondo de bons mapas, fotografias e descrições das costas, tendo além disso percorrido o terreno a que alude o périplo, de toda a costa espanhola, desde os Pirineus até o Guadiana, e, por mar, observado a costa oeste e sudoeste da Península, para assim *viver* a viagem do próprio nauta grego autor do roteiro em que se inspirou Avieno.

A parte fundamental do trabalho de Schulten é evidentemente a sua análise do Périplo, que considera escrito cerca do ano 520 a. C. por um grego massaliota, e das interpolações que esse roteiro sofreu até chegar à forma que lhe deu Avieno, no seu poema. E este trabalho exaustivo de interpretação crítica só um erudito e filólogo da categoria de Schulten o poderia escrever.

Tal como na 1.^a edição, contém o livro um mapa da Península, com a localização, segundo o modo de ver do insigne iberólogo, de todas as referências toponímicas e povos mencionados no poema.

JUAN MALUQUER DE MOTES, *Carta Arqueológica de España: Salamanca*. Ed. da Deputação provincial de Salamanca, Serviço de Investigações Arqueológicas. Salamanca, 1956. Vol. de 159 págs. 17,5×25 cm. Diversas gravuras e um mapa intercalados no texto.

Em 1941, o Conselho Superior de Investigações Científicas de Espanha iniciou a publicação da *Carta Arqueológica de España* com a aparição do 1.º fascículo, sobre a Província de *Sória*, da autoria do saudoso Director do Museu daquela pequena cidade dos subúrbios da histórica Numância, na altiplanície castelhana, Dr. Blas Taracena Aguirre, excelente investigador e bom conhecedor dessa região da Meseta, na qual durante muito tempo viveu e cientificamente explorou.

Quatro anos após, publicava-se um novo fascículo, esse referente a *Barcelona*, elaborado pelos Professores Martín Almagro, Serra-Rafols e Colominas Roca (Vide resenções na «Revista de Guimarães», vols. LII, pág. 105 e LVI, pág. 329). Só agora, porém, passados onze anos da publicação daquele segundo fascículo, aparece um terceiro, respeitante à Província de *Salamanca*, trabalho devido ao Prof. Juan Maluquer de Motes.

Empreendimento notável e de carácter internacional é o da «Carta Arqueológica», que não só na Espanha mas igualmente noutros países, como na